

## A casa

Evellyn Torres Costa<sup>1</sup>

21h37, 4 de abril de 2023, terça-feira

Acho que ela vive um constante embate entre medo e sonhos, *pode tomar nota disso*.

Ela nasceu dois anos depois da primeira filha, a “do meio” ou “rebelde”, pois anos depois, em 2006, veio mais uma daquele jovem casal. No dia 14 de agosto de 2001 chegou ao mundo, pela manhã, mas eu só vi ela dias depois, quando saiu do hospital junto com a mãe. De aparência bem parecida com a primogênita, porém, essa era careca, além de pequena e embrulhada em roupinhas e cobertores rosas. Foi assim que ela passou, carregada pelo pai, pela minha soleira pela primeira vez.

No Jardim Princesa, da Brasilândia em São Paulo, nós crescemos juntas em um processo único. Eu nasci às pressas, como todas as minhas irmãs naquela época, moldada tijolo por tijolo com muito carinho e esforço pelos seus criadores. Com uma escada e apenas um andar, eu mesclava em um mesmo cômodo todos eles, quarto, cozinha, sala e banheiro. Depois de uns anos eles foram investindo mais em mim, ganhei um segundo andar com telhas de zinco. Nesse andar novo, ficou o quarto e o banheiro. Não querendo me gabar, mas eu, comparada a muitas das minhas irmãs, sou grande e bem cuidada aos mais de 23 anos.

Claro, nem tudo são paredes recém pintadas, armários cheios e portas sem rangido, passamos altos e baixos até a minha, digo a nossa estabilização, com muito investimento e suor. Ainda lembro dos dias em que ruí, literalmente. As três crianças dormiam no segundo andar, calmas, apesar da chuva que caía ao meu redor grosseiramente. As minhas telhas de zinco não foram suficientes para aplacar a fúria dos deuses naquele momento. Lágrimas foram caindo nas

---

<sup>1</sup> 201969@sou.fapcom.edu.br / curso: Jornalismo

meninas, como uma torneira frouxa, já não eram mais bebês, mas ainda podiam ficar doentes e assustadas e se machucar e...

*Tem razão, vamos voltar à história.* A expressão “As paredes têm ouvidos” nunca foi tão verdadeira, sabe? O pai delas, Eduardo, veio de Minas Gerais com a mãe e outros punhados de irmãos, uns 9 se não me falham as lâmpadas. Desde jovens, as crianças trabalhavam e não chegaram a concluir os estudos. Com 20 anos, encontrou a adolescente de 17, Ellena que migrou da Bahia com a família, cheia de irmãs e irmãos também. Do relacionamento nasceu Eliza no dia 14 de maio, uma bebê brava e exploradora. Dois anos depois veio ela de quem falamos, mas que ainda não comentei o nome... Eva, um nome lindo, não acha? Bem, alguns anos depois veio a caçula, Emília, as duas não se ‘batem’ até hoje, acho que foi a diferença de idade, pois com a outra é grudada. Sim, bem, todos da família começam com a letra “E”, na época era tendência, imagino.

Como eu disse, ela cresceu dentro de mim, uma criança introvertida, quieta, observadora e de coração e mente puros. Nunca brincou na rua, dormiu na casa de colegas ou foi em festas quando pequena. Seu acesso ao celular, jogos digitais e redes sociais se deu tarde. Pelo que ouvi das minhas irmãs sobre as próprias crianças, suas primas que cresceram no mesmo bairro, mas que tiveram destinos tão diferentes, penso que foi melhor assim. O mundo lá fora é muito instável e a criação que teve na infância, embora não tenha sido a melhor de todas, fez sua parte em quem se tornou hoje.

Houve um período, logo após o seu nascimento, que pensei que nunca mais veria ela ou aquela família novamente. Acontece que a Ellena tem um irmão mais novo e toda a família dela, ou pelo menos grande parte, moravam na Brasilândia também, cada qual com sua morada. Eliton, irmão dela, era um homem esnobe, de nariz empinado e arrogante, que se achava superior aos moradores da favela, mesmo sendo um. Ele sempre passava em frente aos homens que eram, bem, digamos os donos e traficantes daquela área com soberba e desprezo. E assim, aconteceu o pior, mas não foi por falta de aviso. Um belo dia ele passou na frente deles com o mesmo

comportamento de sempre, e, ao passar, levou quatro tiros pelas costas, acredito que tenha sido mais...

Sabe aquele ditado "Vaso ruim não quebra"? Pois é, ele sobreviveu sem maiores complicações e continua o mesmo. Como toda ação tem uma reação, a ameaça não recaiu sobre ele apenas, toda a família virou alvo. Assim, todos foram obrigados a sair às pressas da Brasilândia, com a promessa de que, caso voltassem, seriam recebidos a tiros. A mãe da Ellena perdeu a casa, uma de minhas irmãs, que tinha construído com muito esforço. Toda a família se mudou para o Jaraguá e outros bairros, exceto a nossa.

Na época, a Ellena estava grávida da Eva e o marido dela, pai das meninas, foi junto de alguns irmãos apelar pela situação deles. Afinal, a Ellena já não tinha uma relação boa com o irmão caçula, que já tentou dar um chute na barriga dela quando estava grávida da Eliza. Funcionou, puderam permanecer no bairro e assim a vida seguiu. Hoje em dia, o restante da família pode circular na região e até morar na Brasilândia novamente, essa questão foi deixada de lado, mas por mais de uma década marcou aquela grande família que não podia sequer nos visitar.

Então como eu disse, eu acompanhei o crescimento da Eva, seus amigos por muito tempo foram os livros, os desenhos, a imaginação, a irmã mais velha e o cachorro, já falecido. Ela pensava muito, demorou a ver o mundo com olhos de adulto, muitos adolescentes a julgavam por não agir como eles. Afinal, todos queriam um namorado, arrumar confusão ou experimentar "coisas" novas. Ela achava isso perda de tempo, mas acho que também não conseguia entender muito bem as relações e sentimentos alheios.

Não ia muito bem quando sentava longe do quadro na escola. Para entender matemática precisava se concentrar muito e o fato de precisar de óculos, além de ser tímida, não ajudou. Foi conseguir um óculos de grau bem depois, demorou pra chegar, infelizmente, e o grau só foi aumentando ao longo dos anos. Sempre gostou de história, das matérias de humanas, ainda hoje

detesta exatas. Nunca passou pela cabeça dela ser jornalista, já quis ser astronauta, bombeira, atriz, escritora, cientista e policial, mas acabou se apaixonando durante o ensino médio pelo curso.

Com 10 anos, mais ou menos, a mãe levou as crianças para longe de mim. O casal enfrentava um casamento em ruínas, por conta da bebida e os jogos do marido. A família do pai morava no quintal, como uma mini vila e a Ellena não se dava bem com a sogra. Pegou tudo e foi-se, partiu o meu coração. A Eva chegou a escrever em uma das minhas paredes, na cozinha, um texto misterioso, se despedindo. Naquela época ela assistia muitos filmes de magia e aventura, como se fosse voltar e uma grande jornada a esperasse, como uma carta para Hogwarts, por exemplo, que nunca chegaria. Foram para a Vila Jaraguá, pelo que contou ao pai, dava para ver o pico de lá, ponto mais alto da cidade de São Paulo, com aldeias indígenas do lado. Ainda moram naquele bairro, mas em outra residência já.

Lá, as casas também foram construídas às pressas em um terreno ilegal de uma construtora, os moradores ficaram por muito tempo com medo de perderem tudo. Mas ela não chegou a crescer junto com mais nenhuma outra, foi morar de aluguel em uma que já estava pronta. Depois, se mudou, umas oito vezes, pelo que ouvi. Foi até parar em Guarulhos morar com os avós maternos, também chegou a voltar para casa em um dado momento, ficamos em torno de um ano juntos novamente, nunca muito tempo. A minha vida ficou vazia sem elas aqui, o pai vivia no trabalho ou nos bares jogando e eu ficava aqui, mofando no sentido literal da palavra. Me informava sobre seu progresso quando a Eva falava com o pai durante a noite por telefone, ela também não falava muito ou expressava seus sentimentos, preferia guardar tudo para si, ainda é assim hoje.

De 15 em 15 dias elas vinham nos visitar ou apenas passear com o pai. Tinham também uma nova cachorrinha... Agora elas cuidam de três animais, o Jake, cachorro vira lata que foi abandonado em Taipas e que elas adotaram; a Nina, foi comprada pela mãe quando a Eva tinha 14 anos e; a Kira, gatinha que apareceu na varanda delas uma noite de inverno, provavelmente abandonada também. Mas elas já passaram pelo Tobi, pela Mel, pela Belinha e pelo Koda, todos

se foram com o tempo, seja pela idade, pela saúde, pela insensatez da mãe e pela crueldade humana.

Como eu ia dizendo, havia certa frequência que elas retornavam para casa. Pude notar ao longo dos anos, a evolução da Eva. Na infância ela era quieta, sem amor próprio, tímida, insegura e manipulável. Continuou assim na adolescência, mas aí veio a fase rebelde em que brigava com todos, e eu entendo ela até hoje, afinal, relacionamentos familiares não são fáceis. Como diriam os jovens hoje em dia “mommy issues”, ou problema de mãe, e isso é uma coisa que as três jovens, Eliza, Eva e Emilia têm em comum com a mãe.

Mas a Eva também se desenvolveu muito, evoluindo na leitura, parecia uma traça de livros, seus favoritos eram os de fantasia, ficção e romance. Ah, sempre se achou uma sombra de sua irmã mais velha. Deixe-me explicar, a Eliza na mente da Eva era perfeita, passou na ETEC, conseguiu um estágio, sempre uma boa aluna, depois ingressou em uma boa faculdade particular no curso de Direito pelo ProUni com bolsa integral e agora está trabalhando como advogada em uma grande empresa, com um relacionamento estável de mais de 5 anos com o namorado.

Muita informação, não é? Acontece que a Eva também seguiu esse caminho, só que mais ou menos. Veja bem, ambas estudaram na mesma escola do fundamental, sempre elogiadas pelas professoras e direção, até hoje são lembradas. A Eva, das duas, era a mais engajada nos projetos e atividades, o que me deixava muito feliz, ela cresceu muito como pessoa, apesar de ainda continuar tímida.

Os ventos começam a mudar quando ela passa no Instituto Federal de Pirituba, na primeira turma do curso de Redes de Computadores do campus, que foi inaugurado recentemente no bairro. Foram três anos muito difíceis, bons e libertadores para ela, com tudo que aprendeu, leu, conheceu e, principalmente pelas amizades que estabeleceu. Agora volta a se cruzar. Ela também prestou o

vestibular, o Enem, com a nota passou em uma boa faculdade particular no curso de Jornalismo, também com bolsa integral pelo ProUni.

Acontece que, apesar de todos a acharem incrível por tudo que conquistou, por ser estudiosa, leitora, enfim... Ela não consegue se enxergar assim, entende? *Ahh, eu preciso contar!* No fundamental, ela participou de uma antologia literária organizada pelo escritor periférico Rodrigo Ciríaco. Vi por fotos esse momento, mas ela estava tão feliz autografando os livros no lançamento junto com tantas outras juvenzinhas. Não para aí, em 2020, começo da pandemia, né? Ela participou de outra antologia literária, a “Heroínas da Vida Real” em que são exaltadas as mulheres reais. Bem, ela enviou um poema e ele foi selecionado, um trabalho lindíssimo. Eu tenho um exemplar autografado na estante da sala.

*Sim, voltando.* Acontece que ela não consegue reconhecer essas conquistas, sabe? Os textos que escreveu, e ela escreveu muitos... queria ser escritora, talvez ainda queira, já não consegue olhar. Seus méritos e defeitos, belezas e feiuras, tudo. Quando ela vem me visitar, sinto que olha para mim por vários momentos e não considero isso de um jeito bom. Sempre visando a parede. Seu amor pela música, em especial k-pop, seus bichinhos e livros são o que a movem no momento, mas tudo parece tão difícil na mente dela.

Acho que ela anda desacreditada da vida e da bondade humana. Que o trabalho dela com o jornalismo não possa fazer diferença, ou que a vida dela não tenha sentido, não sei, estou apenas especulando. Ela fez bons amigos na faculdade, pessoas que vieram do Jaraguá, Pirituba e Capão Redondo, um grupo curioso.

Como disse, eu cresci com ela, sou mais velha há alguns anos, mas sinto que se passaram muito mais pelos longos períodos sozinha. De toda forma, sei que ela tem muito potencial para grandes coisas, só queria que não ficasse paralisada pelo medo de viver, são muitos traumas, pensamentos e vozes que guarda para si.

Já eu, sou apenas um lar sem dona, vazia grande parte do dia. Não posso viajar ou segui-la por onde quer que vá, ser uma casa para ela além do físico, mas a tenho entre pensamentos e paredes de mim, uma em especial rabiscada, embora não seja o suficiente... *Vamos encerrar por hoje?* Sei que faltaram muitas coisas, mas podemos continuar amanhã, tudo bem?

Eu... preciso apagar as luzes agora.

Até logo.

*Todos os nomes alterados, exceto dos animais.*